



RESENHAS

STRÖMQUIST, Liv. **A origem do mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado.** Tradução de Kristin Lie Garrubo. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2018. 144p.

Bianca Franchini da SILVA, *Universidade Federal de Santa Catarina*



Ao percorrer Histórias em Quadrinhos (HQs) escritas por mulheres, atesta-se, a partir da análise arqueogenealógica discursiva de Michel Foucault e das contribuições dos estudos feministas e dos estudos de gênero, a problematização dos discursos, em que se presencia a viabilidade para a existência de falas femininas e de reivindicações de suas vontades (BARROS, 2017; 2019). As HQs são *gêneros discursivos* (à luz de BAKHTIN apud Robson COSTA, 2009) que, quando produzidas por quadrinistas homens, têm, em sua maioria, suas personagens mulheres representadas com uma feminilidade sensual, curvilínea e subserviente (EUGÊNIO,

2017). Se, há várias gerações, as mocinhas de imagens dóceis e passivas eram preeminentes, as personagens mulheres nas HQs passaram a ser estereotipadas como personagens fortes e sensuais (SIQUEIRA; VIEIRA, 2008), com corpos erotizados (BOFF, 2014; BARROS, 2017). A hipersexualização dos corpos das mulheres, circunscrita pelo fetiche e imposta e repetida como padrão estético e como molde social, passa a ser denunciada e abandonada nos quadrinhos de mulheres, estes que têm um traço ou estilo identitário (EUGÊNIO, 2017).



Sob o alicerce de sua formação em ciências sociais Liv Strömquist (2018), em *A origem do mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado* (título original, em sueco, *Kunskapens Frukt*), serve-se da HQ para pontear reflexões que permeiam a rede de discursos, de saberes e de práticas, que se sucederam ao longo de séculos, que têm efeitos sobre os corpos e as subjetividades das mulheres. Sob uma narração de uma mulher, que, por sinal, nada sensualizada, Strömquist (2018) costura a trajetória de sua trama em três segmentos, sendo o primeiro alcunhado de *Homens que se interessaram um pouco demais por aquilo que se costuma chamar de “genitália feminina”* e os outros dois, sem nomes específicos, destinados a versar sobre orgasmo e sobre menstruação, respectivamente.

De modo a demonstrar seu incômodo e sua, por assim dizer, fadiga com a existência, “[...] em muitos meios, [de] uma ENERGIA EXAGERADA focada em colonizar – com diversos métodos – o corpo feminino até o último cantinho escuro e úmido” (STRÖMQUIST, 2018, p. 6, grifos da autora), a narradora onisciente enfatiza, no primeiro segmento, uma classificação de homens que causaram “[...] problemas ENORMES na sociedade” (STRÖMQUIST, 2018, p. 6, grifos da autora). Seguindo uma ordem decrescente, em sétimo lugar, Strömquist (2018) começa por John Harvey Kellogg (1852-1943). Além de este ser “o pai do sucrilhos”, era médico que tinha “[...] tempo sobrando para impedir as mulheres de tocarem suas próprias genitálias” (STRÖMQUIST, 2018, p. 8). A autora continua dizendo que John Kellogg manifestava, em seus livros de educação em saúde – seguindo os moldes da ciência médica da época –, que a masturbação acarretaria câncer cervical, epilepsia, loucura, além de promover debilidades física e mental, e que a cura para aliviar a “excitação anormal” seria a aplicação de ácido carbólico puro no clitóris. Com essa colocação, a narradora faz a ressalva de que a invenção dos cereais/flocos Kellogg’s, associada às suas descomedidas propagandas de mulheres anoréxicas análogas à vida saudável, como sendo a pior coisa, deve ser repensada e reavaliada, já que o ácido corrosivo entrou em cena. Com essas primeiras páginas, consegue-se apreender que a costura estética prezada pela Strömquist (2018), ao longo de toda a HQ, é repleta de farpas e de alfinetadas de ironia. Já de início, a autora enuncia investir-se de um posicionamento que aponta para uma dominação patriarcal, influenciada pelos discursos da perspectiva feminista e marxista, [...] em que a mulher é vista como



sujeito social autônomo, porém historicamente vitimada pelo controle social masculino” (IZUMINO; SANTOS, 2005, p. 2).

Dr. Isaac Baker-Brown (1811-1873), em sexto lugar, é mais um que a autora faz notar como condenador da masturbação, sendo pregador de que fosse preciso efetuar clitoridectomia para casos de histeria, depressão, dor de cabeça, perda de apetite e desobediência. Logo em seguida, em quinto lugar, Santo Agostinho (354-430) é quem, no século IV, escreveu sobre a antítese do divino ser o corpo da mulher, sobretudo a genitália dela. As mulheres são, para Santo Agostinho, imundas de pura tentação, fruto do pecado de Eva. John Money (1921-2006) é quem a narradora dispõe em quarto lugar, pois ele seria o principal propagador do sistema binário de gêneros, sendo este, entre tantas marcas corporais, ao longo dos séculos, responsável pelo estabelecimento da divisão entre masculino e feminino como sendo primordial. A terceira colocação foi dada à “turma que se dedicou à caça às bruxas (séculos XV a XVIII)”, e, para essa turma, era fundamental a verificação dos órgãos genitais da mulher como maneira de comprovação de serem bruxas ou não.

O Barão Georges Cuvier (1769-1832), em segundo lugar, paleontólogo e zoólogo interessou-se demasiadamente pela “[...] genitália de uma mulher chamada Saartjie Baartman” (STRÖMQUIST, 2018, p. 21), uma sul-africana do povo Khoisan, que Cuvier usou como exemplo para expor suas teorias de que lábios genitais grandes seriam sinal de inferioridade e de sexualidade animal, o que teve forte influência sobre o racismo científico. Toda essa classificação é finalizada com a primeira colocação sendo destinada à “turma que abriu o túmulo da rainha Cristina da Suécia (1626-1689)”. Por demonstrar, segundo o ginecologista Elis Essen-Möller (nos anos 30), traços deslocados dos paradigmas tradicionais idealizados sobre *ser mulher* – por exemplo, como coloca a autora, não querer se casar, saber lidar sábia e firmemente com questões do Estado e ter estudado filosofia, línguas clássicas, astronomia e matemática –, a rainha Cristina poderia ser, para ele, hermafrodita. Em 1965, sob inspiração desses escritos, a exumação da rainha foi feita para que se pudesse analisar seus restos mortais. No fim das contas, isso tudo não conduziu a nada. E, por falar em Suécia, aliás, esse ponto demonstra que, por ter nascido na cidade de Lund, na região de Österlen, no sul da Suécia, em 1978, Liv Strömquist deixa rastros disso em seus quadrinhos.



Ainda no primeiro segmento do livro, Strömquist (2018), entre piadas e críticas ferrenhas, faz a demonstração de outras redes de discursos nas retomadas históricas, como: a redução dos lábios genitais; a historiadora cultural Mithu M. Sanyal que descrevia a genitália feminina como um buraco, sendo a mulher “oca”; a diferença entre vagina e vulva que vai além da simples confusão de troca de nomenclatura; a insistência de uma cultura que preza pela existência de dois sexos, distintos e complementares fisicamente; a civilização ocidental com seus deuses, mitos, simbologias e rituais que exploravam e valorizavam a vulva; as fábulas europeias em que as vulvas detinham poderes; as esculturas na Idade Média, na Irlanda e na França, que vangloriavam as vulvas; e, ainda, as esculturas e inscrições da Idade da Pedra que expunham vulvas e mulheres nuas.

Com esses pontos, é possível fazer notar que Liv Strömquist (2018), nessa HQ, expõe suas considerações em descontinuidade, já que, mesmo elencando as temáticas em posições, não segue uma cronologia. A autora transportou para a HQ alguns discursos produzidos no interior do dispositivo de gênero – de uma tecnologia de gênero (DE LAURETIS, 1994), o qual tem representações não estáveis do *sujeito mulher* (BUTLER, 2019) e que está sob uma norma binária (BUTLER, 2019; PRECIADO, 2017). Esses discursos, aliás, carregam uma memória discursiva, funcionando em remanência (FOUCAULT, 2016a). Santo Agostinho, para Foucault, é uma marca de que, na moral cristã, o sexo se tornou peça fundamental “[...] para a interpretação hermenêutica do indivíduo sobre si mesmo [...], assim como para a confissão dos pecados e para a resultante purificação e salvação” (RAGO, 2019, p. 176). Por sua vez, a questão da perseguição às bruxas, além de ser uma guerra aos “[...] saberes farmacológicos das mulheres brancas e de todos os tipos de povos não brancos” (PRECIADO, 2018, p. 164), é colocada pela autora como mais uma maneira de “VERIFICAR OS ÓRGÃOS GENITAIS DA MULHER” (STRÖMQUIST, 2018, p. 18, grifos da autora). Ou seja, a questão “[...] era exterminar ou confiscar certa ecologia do corpo e da alma, tratamentos alucinógenos e formas de prazer e excitação” (PRECIADO, 2018, p. 165).

Somado a isso, a partir do olhar de uma governamentalização (FOUCAULT, 2008), *os Homens que se interessaram um pouco demais por aquilo que se costuma chamar de “genitália feminina”* que a autora colocou em demais posições, têm seus discursos operando na multiplicidade de campos discursivos: médicos, científicos, econômicos,



jurídicos e religiosos. Com eles, identidades e papéis sociais são produzidos e fixados às mulheres, estigmatizando-as e tendo efeitos morais, binários e cisheteronormativos. Entre os séculos XVI e XVIII, a biopolítica – concebida como um conjunto de discursos, de estratégias e de práticas que se direcionam tanto para o *corpo individual* (por meio de suas disciplinas) quanto para o *corpo social* (por meio da regulamentação da população) (FOUCAULT, 2010) – atuou, também, sobre a sexualidade. Nesses séculos, diversos dispositivos surgiram, e o sexo passou a ser “[...] o acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie” (FOUCAULT, 2017, p. 158). A partir desses deslocamentos, no século XIX, a sexualidade, por um lado, “[...] foi esmiuçada em cada existência, nos seus mínimos detalhes; foi desencavada nas condutas, perseguida nos sonhos, suspeitada por trás das mínimas loucuras, seguida até os primeiros anos da infância; tornou-se a chave da individualidade” e, por outro lado, tornou-se “[...] tema de operações políticas, de intervenções econômicas [...], de campanhas ideológicas de moralização ou de responsabilização” (FOUCAULT, 2017, p. 158). Com isso, exigiu-se das mulheres a disciplinarização, de diversas formas, e esses discursos incidiram, também, sobre elas, como uma maneira de viver a experiência de si mesmas.

Somado às suas constantes caçoadas amargas, de um humor cru que sublinha os enunciados, os discursos e os dispositivos pelos quais as mulheres foram marcadas em suas subjetividades, todo esse primeiro segmento se vale do uso das linguagens verbal (de autoria própria, de trechos de citações, de propagandas, de cartazes e de onomatopeias, por exemplo) e visual, sendo esta última variada entre ilustrações traçadas em preto e branco e cenas (desde fotografias, outras ilustrações, gravuras, imagens de livros de biologia, pinturas e arquiteturas e esculturas) retratadas, com a mesma dualidade de cores, estando, por vezes, justapostas e caricaturadas. São, também, características das HQs, segundo Umberto Eco (2008 apud EUGÊNIO, 2017), essas variações entre as estruturas estilísticas originais e o resgate, em uma composição visual e narrativa específica, de estilos de outros campos, como o cinema, a literatura e as artes plásticas. Além disso, nesse seu livro, Strömquist (2018) faz uso de imagens acompanhadas de grandes e fortes letreiros, renunciando simetrias e ocupando quadros e páginas inteiros, fazendo-se valer do seu grito de insatisfação com a opressão de gênero e a violência contra as mulheres, discursivizando essas práticas como imbuídas do patriarcado. Essa frustração, aliás, já alcançou o sucesso em



sua primeira HQ, publicada em 2005, *Cem por cento gorda*, na qual se dedicou à discussão de questões políticas, sexuais e de liberdade da mulher (COUTINHO, 2019). Desde muito cedo, Liv Strömquist demonstrou seu interesse pelas HQs (COUTINHO, 2019), além dessas duas, a autora publicou também *Desejo* (2006), *A mulher de Einstein* (2008), *Os sentimentos do príncipe Charles* (2010) e *A cartilha de Liv* (2011). Ademais, outras HQs dela são encontradas na revista Galago, e a autora pode ser escutada pelo *podcast En varg söker sin pod* (COUTINHO, 2019), podendo ser traduzido para: “um lobo está procurando sua cápsula”.

Dando continuidade à HQ, no segundo segmento, Strömquist (2018) expressa, através de Thomas Laqueur, como o orgasmo das mulheres, antes do Iluminismo, era imprescindível para que elas engravidassem. Contudo, ao final do Iluminismo, o orgasmo feminino passou a ser desconsiderado do processo reprodutivo, mas não sendo isso associado a avanços científicos. Por sinal, ao abrigo de suas ironias, a quadrinista expõe algumas figuras convergentes com esse posicionamento e suas teorias, para, em seguida, dar destaque à mudança radical no final do século XVIII que, passando de unissexuada, a visão sobre corpo seria bissexuada. Nesse sentido, enquanto que, na primeira noção, o corpo feminino era considerado inferior ao corpo masculino, na segunda noção, o corpo feminino se tornou uma “[...] criatura totalmente diferente, num eixo horizontal cuja seção central era totalmente vazia” (LAQUEUR, 1990 apud NICHOLSON, 2000, p. 19). Isso, Strömquist (2018) ousa-se a descrever, mais uma vez, sobre alguns personagens que caracterizou como sendo obcecados. No século XIX, a ideia dos sexos contrastantes, opostos e complementares se fortaleceu, e, dentre algumas figuras desse período, Sigmund Freud, com sua teoria de que o orgasmo vaginal era o principal. Para ele, o orgasmo clitoriano era ligado a mulheres frígidas, o que “[...] se tornaria o início de uma nova era extremamente deprimente para a sexualidade feminina” (STRÖMQUIST, 2018, p. 73). Todo esse segmento, novamente, põe em jogo que os corpos, as sexualidades e os orgasmos femininos foram construídos sempre em relação aos corpos, às sexualidades e aos orgasmos masculinos – seja como versão de inferioridade, seja por versão de oposição, mas nunca por mérito próprio (STRÖMQUIST, 2018). É possível notar que, além do já exposto sobre biopolítica, a produção de saberes, servindo de normalização dos indivíduos, situa os corpos no interior do dispositivo da sexualidade.



Verifica-se que, “[...] através de uma série de práticas e de discursos, de saberes e de exercícios, [há] a criação de corpos dóceis, mas livres, que assumem a sua identidade e a sua ‘liberdade’ enquanto sujeitos no processo mesmo do seu assujeitamento” (AGAMBEN, 2014, p. 14-15, grifo do autor).

É no terceiro segmento da HQ que as primeiras páginas, não mais sendo retratadas em preto e branco, ilustram o paraíso de Eva e Adão como um cenário colorido. Coloca-se em foco a personagem Eva como refém de seus sentimentos de culpa e de vergonha, dialogando, com quem lê, sobre suas dúvidas em relação à genitália feminina, à menstruação e ao abuso sexual, por exemplo. É nesse ponto que, manifestando-se de forma cômica, recheada de ironia, Strömquist (2018) revela uma expressão dos enunciados de dores e de angústias das mulheres, possibilitando que trajetórias se cruzem nesse movimento de leitura. Margareth Rago (2019, p. 181), em *Foucault em defesa de Eva*, relembra que, na pastoral cristã, as mulheres são associadas, constantemente, “[...] ao pecado e à carne, vistas como perigos públicos e citadas como perdulárias, frívolas, sensuais e pecadoras, desde Eva, responsável pela queda da humanidade”, e, ainda (e, portanto), são associadas à dependência do controle e da vigilância dos homens. Com a confissão (FOUCAULT, 2016b) de sua subjetividade, Eva expressa-se amarrada às estratégias concretas que determinam as experiências que as mulheres têm/produzem de si mesmas e do cuidado de si.

Em seguida, as cores retornam à preta e branca, dando destaque somente ao objeto central desse último segmento: a cor vermelha do sangue menstrual. Para poder explorar esse tabu, Strömquist (2018), antes, sinaliza, ao traçar alguns pontos desde a Idade das Pedras, que a menstruação foi marcada como sendo repleta de conotações: um símbolo místico, com poderes mágicos, como sendo relacionada a ciclos da natureza, a rituais de sementeira e de colheita (COELHO, 2006); e, ainda, “[...] como um meio que os corpos encontravam para se livrar do excesso de nutrientes” (NICHOLSON, 2000, p. 19). Mas, todo esse múltiplo agrupamento de crenças tinha, também, sua marcação relacionada à impureza e à detenção de poderes destrutivos. Toda essa agitação gira em torno das alterações de humor e de hormônios, com as famosas amarras sociais à TPM e seu peso de estar associada ao domínio do corpo, da vivência da sexualidade e da produção de subjetividade.

O potencial ambivalente da HQ (CHUTE, 2010 apud EUGÊNIO, 2017) de Strömquist (2018) é verificado tanto por ser em um processo



artesanal de cada página, possuindo posicionamento da autora, quanto por ter uma linguagem prática, com acessível disseminação e receptividade. Strömquist (2018) desfruta de seus escritos para desconstruir, por um lado, estereótipos de personagens mulheres em HQs e estéticas de autoria feminina e, por outro lado, discursos de opressões, de discriminações, de reduções e de dicotomias – com posições masculinas e femininas construídas (PRECIADO, 2017) – que atravessam mulheres. Nota-se, ainda, que sua trama se dá em uma polivalência tática (FOUCAULT, 2017) – dentre as quatro prescrições de prudência de Foucault. Ao mesmo tempo que a autora expõe discursos, práticas e dispositivos que têm efeitos de poder, marcando os corpos, as sexualidades e as subjetividades das mulheres, Strömquist (2018) faz deles instrumentos de resistência, já que os recursos de linguagem foram empregados a serviço da denúncia, da ironia, do cômico e do grito. Assim, há uma demonstração de que a resistência está a serviço do poder. Ou seja: a resistência-profanação da subjetivação, longe de ser uma individualidade substantiva, é constitutiva do poder (FOUCAULT, 2017). Em comunhão com o texto de sua contracapa (STRÖMQUIST, 2018), a resistência da *Origem do mundo* é como o quadro de Gustave Courbet: “escancara interditos e desafia mitos e tabus”.

Referências

- AGAMBEN, G. *O amigo. O que é um dispositivo*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2014.
- BARROS, Ana Paula Oliveira. *Homens e Mulheres produtores de HQ: discursos sobre o corpo e a sexualidade da mulher na Indústria Cultural*. 2017. 266 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.
- BARROS, Ana Paula Oliveira. Discursos sobre a sexualidade e o corpo da mulher nas hqs: reproduções e desconstruções. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 5, n. 10, p. 21094-21111, out. 2019.
- BOFF, Ediliane de Oliveira. *De Maria a Madalena: representações femininas nas histórias em quadrinhos*. Tese (Doutorado em Comunicações e Artes). Universidade de São Paulo, São Paulo. 2014.



BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

COELHO, Clair Castilhos. Breve história da mulher e seu corpo. In: COELHO, Elza Berger Salema; CALVO, Maria Cristina Marino; COELHO, Clair Castilhos. *Saúde da mulher: um desafio em construção*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006. 245 p.

COSTA, Robson Santos. As histórias em quadrinhos como gênero discursivo. *Anais do SILEL*. v. 1. n. 1 Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lg10_artigo_1.pdf. Acesso em: jan. 2020.

COUTINHO, Fernanda. Mulheres nos Quadrinhos: Liv Strömquist. *Delirium Nerd*, 2019. Disponível em: <https://deliriumnerd.com/2019/06/19/liv-stromquist-mulheres-nos-quadrinhos/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e impasses*. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

EUGÊNIO, Jessica Daminelli. *Elas fazem HQ! Mulheres brasileiras no campo das histórias em quadrinhos independentes*. 2017. 150 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe B. Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016a.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016b.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. 4^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.



FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade* - curso no Collège de France, 1975-1976. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

IZUMINO, Wânia Pasinato; SANTOS, Cecília MacDowell. Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. *Revista Estudos Interdisciplinarios de América Latina y El Caribe (E.I.A.L.)*, da Universidade de Tel Aviv, v.16, n.1, 2005. Disponível em: <www.nevusp.org/downloads/downo83.pdf>. Acesso em: 05 maio 2019.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. Tradução de Luiz Felipe Guimarães Soares. *Revista Estudos Feministas*. v. 8, n. 2. 2000.

PRECIADO, P. B. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2017.

PRECIADO, Paul B. *Testo Junkie. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RAGO, Margareth, M. Foucault em defesa de Eva. In: RAGO, Margareth; PELEGRINI, Mauricio. (Org.). *Neoliberalismo, feminismos e contracondutas: perspectivas foucaultianas*. São Paulo: Intermeios, 2019. p. 176-189.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; VIEIRA, Marcos Fábio. De comportadas a sedutoras: representações da mulher nos quadrinhos. *Comunicação, mídia e consumo*, São Paulo, v. 5, n. 13, p. 179-197, 2008.

STRÖMQUIST, Liv. *A origem do mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado*. Tradução de Kristin Lie Garrubo. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2018. 144p.